

VIII JORNADAS CULTURAIS DE BALSAMÃO
ACTAS

“FREI CASIMIRO: MEMÓRIA E PROFECIA”

Celebração do 250.º Aniversário da sua morte



Balsamão, 16 a 18 de Agosto de 2005

VIII JORNADAS CULTURAIS DE BALSAMÃO

ACTAS

**“FREI CASIMIRO:
MEMÓRIA E PROFECIA”**

**Celebração do 250.º Aniversário da morte de Frei Casimiro
Wyszynski, OIC**

Convento de Balsamão, 16-18 de Agosto de 2005

Centro Cultural de Balsamão
2006

FICHA TÉCNICA

Título:

Actas das VIII Jornadas Culturais de Balsamão

Editor:

Centro Cultural de Balsamão
Convento de Balsamão, 5340-091 Chacim (Macedo de Cavaleiros)

Coordenação:

Basileu Pires e Carlos d'Abreu

Secretariado:

Basileu Pires, Carlos d'Abreu e João Rodrigues

Capa:

Frei Casimiro Wyszynski (pintura, século XVIII, Convento de Balsamão)

Contracapa:

Medalha do Centro Cultural de Balsamão

Composição, impressão e acabamento:

Bringráfica – Indústrias Gráficas, Lda – Bragança

Local e data de edição:

Balsamão (Chacim), Setembro de 2006

Depósito Legal n.º 247222/06

ISBN: 972-96862-3-8

N.º de exemplares: 250

APRESENTAÇÃO

Os trabalhos de investigação que ora se apresentam resultam da participação dos seus autores nas VIII.ª Jornadas Culturais de Balsamão (JCB), subordinadas ao tema “Frei Casimiro: memória e profecia. Celebração do 250.º aniversário da morte de Fr. Casimiro Wyszynski, OIC”, promovidas pelo Centro Cultural de Balsamão (CCBAL) e realizadas no Convento de Balsamão, entre os dias 16 a 18 de Agosto de 2005, e numa excursão à Polónia de 19 a 29.

O Convento de Balsamão – casa-mãe dos Marianos da Imaculada Conceição em Portugal –, fundado pelo polaco Frei Casimiro de S. José Wyszynski, introdutor em Portugal daquela Ordem religiosa, em 1754, junto do antigo Eremitério de Balsamão, localiza-se no alto do serro que dá pelo nome de Monte Carrascal, muito próximo da antiga vila de Chacim, actual Concelho de Macedo de Cavaleiros. Tem desde 1998 albergado este acontecimento cultural que reputamos de grande interesse regional, sendo igualmente sede do CCBAL desde a sua fundação.

O CCBAL, formalmente criado em 2003, é uma instituição que *tem por objectivos o estudo e divulgação do património cultural e natural de Trás-os-Montes e Alto Douro, o estudo do relacionamento entre as culturas portuguesas e do oriente europeu e sua projecção no mundo, o incentivo e apoio a actividades didáctico-peagógicas juvenis de acordo com os itens anteriores*, conforme se pode ler nos seus estatutos [Diário da República – III Série, N.º 127, de 2 - 6 - 2003, p. 11 662-(28)].

Foi mentor destas Jornadas e do próprio CCBAL o Rev.º Padre Dr. José Manuel Morais, MÍC, nascido em Covelas (22.VI.1943), Concelho de Alfândega da Fé e falecido em Lisboa (9.I.2003) aos 59 anos de vida, de 41 da sua vocação de religioso Mariano e de 33 de sacerdócio. Finou-se inesperadamente após uma vida de simplicidade e de amor ao próximo. O empenho que votou à organização das primeiras seis edições das JCB revelam (já não assistiu à última delas), se provas outras já anteriormente não tivesse dado, que foi igualmente um Homem

FREI CASIMIRO WYSZYŃSKI: PEREGRINAÇÃO E PROFECIA

José Maria Silva Rosa*

Dedico esta Comunicação
ao meu Professor de Português, em Vila de Rei,
o Prof. João Antunes dos Santos,
ao meu Professor de Latim, no CEF, em Fátima,
o Pe. José Manuel Morais, MIC
— *ambos de grata memória*

I — Nota Introdutória

Antes de tudo, uma palavra de agradecimento e de congratulação: agradecimento pelo convite feito para estar nas presentes Jornadas — convite a que, fisicamente, não pude corresponder; em segundo lugar, uma palavra de congratulação pela sua realização que, em certo sentido, prolonga um intento original do Frei Casimiro, quando decidiu vir para Portugal. Por isso, os Marianos da Imaculada Conceição — os que já partiram e os que, *hic et nunc*, continuam a dar corpo ao diálogo entre a Cultura e a Fé —, merecem justo reconhecimento.

Importa que, a abrir, façamos duas notas metodológicas: uma relativa às fontes aqui utilizadas e outra relativa à biografia do Servo de Deus. Para esboçar o perfil *profético* da figura e do *opus* do Frei Casimiro — quer dizer: da sua *Vida* e da sua *Obra* —, seguimos exclusivamente como fonte primária de informação a *Positio super virtutibus ex Officio Concinnata*,¹ i.e., toda a documentação que foi reunida para o seu Processo de beatificação e de canonização. Até que

* Universidade da Beira Interior (Covilhã).

¹ SACRA CONGREGATIO PRO CAUSIS SANCTORUM. Officium Historicum 132, *Miranden. seu Brigantien. / Beatificationis et Canonizationis / Servi Dei / Casimiri a S. Ioseph Wyszyński / Sacerdoti Professi / Cler. Reg. Marianorum Imm. Conc. B.V.M. / (†1755) / Positio / Super Virtutibus ex Officio Concinnata*, / Romae MCMLXXXVI [1986].

haja mais e melhor bibliografia disponível noutras línguas, que não apenas o polaco, continua a ser o acervo documental acessível mais importante. Aliás, seria muito importante que os MIC promovessem a tradução integral da *Positio* bem como de outras que existem sobre o Frei Casimiro, em polaco e em inglês. É uma tarefa a que o Centro Cultural de Balsamão se deveria abalarçar.

A segunda nota metodológica respeita ao percurso biográfico do Frei Casimiro: mesmo que refiramos já a seguir, um pouco a frio, alguns os momentos-chave do seu itinerário, daremos por adquirido que os destinatários desta Comunicação conhecem razoavelmente bem a vida do Servo de Deus e sabem preencher com o contexto vital e outros pormenores à tábua cronológica que passamos a apresentar:

Nascimento em 19 de Agosto de 1700, em Jeziora Wielka, na Polónia; baptizado a 7 de Outubro do mesmo ano; ambiente familiar do jovem Januário Francisco, por entre as dificuldades nos estudos e a excessiva severidade do pai; crisma em Góra, em 1714; tentativa de peregrinar até Roma, pelos 14-15 anos, sendo trazido à força para casa; estudos nos Escolápios, em Varsóvia, em 1716-1718; preparação para a carreira jurídica, em 1718; Voto firme de peregrinar até Santiago de Compostela, em 1720; partida para os confins da Península Ibérica, em 1721, passando por Roma; retorno de Espanha a Roma, por razões de saúde, em 1722; encontro com o Pe. Joaquim Kozłowski, MIC, em 1723, por quem fica a saber dos danos que o seu Irmão José fizera à Ordem (1716), quase a levando à extinção; decisão de entrar nos Marianos: “*Com a ajuda de Deus, quero reparar o que o meu irmão destruiu.*» (“*Quod frater meus destruxit, ego divinis auxiliis reparare volo.*» *Positio*, XLIII). Tomada do hábito branco — símbolo profético do reino escatológico que há-de vir — em 18 de Novembro de 1723; noviciado em 1724-1725; votos solenes no dia 19 de Março de 1725; ordenação sacerdotal no dia 20 de Abril de 1726; mestre de noviços, em 1727; Secretário-Geral, Procurador-Geral, Assistente-Geral, Superior Local (Korabiew), Director Espiritual, etc., entre 1728 e 1737; Prepósito-Geral, e intensa campanha vocacional na Boémia, de 1737 a 1741; Superior em Góra, confessor, pregador, educador, moderador, director espiritual, reconstrutor da igreja do Cenáculo, novo impulso ao processo de beatificação do Fundador — e mil outras actividades, entre 1739 e 1747; de novo Prepósito-Geral entre 1747-1750, fundando neste período quatro casas: Raśna e Staropol (Mariampol), na Lituânia; Berezdów e Samczycki-Ostrzyków, na Polónia; Procurador-Geral, em Roma, entre 1751-

1753; vinda para Portugal, em 1753, e morte do Servo de Deus, aqui, em Balsamão, serenamente às 3 horas da manhã do dia 21 de Outubro de 1755.

Delineado, desta forma um pouco seca, o seu percurso biográfico, passemos ao ponto da nossa Comunicação que intitulámos:

II — Frei Casimiro: a diafania do peregrino

*“Do Oriente até ao Ocidente,
grande é o meu nome entre as gentes...”*
(*Malaquias* 1, 11)

Queremos começar por determinar desde logo, para que não haja equívocos, o que entendemos como *dimensão profética* na vida do Frei Casimiro.

Por mais pertinente e sugestivo que tal pudesse ser, dados os variados episódios taumatúrgicos que recheiam a sua vida, a ideia de *profetismo* que a seguir vamos apresentar, não tem que ver com quaisquer dons especiais de previsão, quaisquer dotes naturais de adivinhação do futuro nem quaisquer outros carismas prodigiosos com que, no Antigo Testamento, era comum os Profetas estarem revestidos para impressionar os destinatários. Sabe-se, aliás, que o Frei Casimiro, entre outras coisas, por várias vezes demonstrou capacidades de premonição de fenómenos meteorológicos ou, supostamente, até do terramoto de Lisboa, em 1755. Além do mais, neste preciso sentido, foi ele próprio autor de um texto sobre o *Espírito Profético* do Fundador dos Marianos — opúsculo intitulado “*Relatio de spirito prophetico ejusdem V. Patris Stanislai*” —, onde se conta que o Pe. Estanislau Papczyński teria previsto as dificuldades que mais tarde o Pe. Joaquim de S. Ana Kozłowski haveria de provocar na Ordem (cf. *Positio*, p. 60).

Mas, como dissemos, muito mais que os poderes taumatúrgicos e de previsão ou os fenómenos extraordinários que sempre fascinaram as massas milagreiras, para discernir da presença em alguém de uma dimensão profética, interessa em primeiro lugar, pelo menos em termos bíblicos, saber em nome de quem fala e em

nome de quem age o profeta — não aconteça, como adverte São Paulo, que, sob aqueles sinais espantosos, se escondam afinal os sinais dos falsos profetas, dos magos do Egipto, dos Sacerdotes de Belial ou os sinais do *angelus lucis* — *Anjo revestido de Luz*, o Lúcifer de que nos fala Paulo na *Segunda Carta aos Coríntios* (2 Cor 11, 14).

Além disso, importa ter ainda presente a lição que Elias, o Profeta dos profetas, recebeu no alto do monte Horeb (1Rs 19, 11): esperava a vinda de Jaweh vingador no meio do vento forte, no trovão, no terramoto, etc., mas finalmente Deus falou à tardinha, na passagem da brisa mais suave e delicada. Este episódio não só não prolonga, mas inverte-se o regime das teofanias da Sarça-ardente e das cratofanias portentosas do Sinai — onde Deus desce ao som da tuba e da trombeta, por entre raios, trovões —, e a expectativa de Elias é gorada em função de outra leveza profética, do que é mais da ordem da *diafania*. A vida de um Profeta é esta mesma *diafania* — a sua palavra e a sua acção têm apenas um sentido: em tudo deixar sempre transparecer Deus.

Mais à frente, a propósito do Frei Casimiro, centrar-nos-emos nesta dimensão diáfana e transparente do peregrino de Balsamão. Com efeito, a sua *peregrinação* por entre nós foi como brisa suave e olorosa que nos bafejou, como choravam os seus Irmãos, aqui em Balsamão, ao vê-lo partir para o Céu — e que nos bafeja ainda a nós *hic et nunc*. A *acção* e a *palavra* do Frei Casimiro são ainda hoje uma imensa parábola relacional, um quase angélico golpe-de-asa de uma ordem querubínica, do que passa e está em trânsito, qual mensageiro que desaparece e se esconde face à mensagem que transporta. O Profeta, tal como o Anjo, não é alguém que se interpõe entre Deus e os homens, afirmando o seu ser e a sua realidade autónoma, mas é todo ele uma função de relação: esgota-se todo no envio, no devotamento ao infindo trabalho de fazer e refazer laços.

Uma nota que ressalta na biografia do Frei Casimiro é o entusiasmo que sempre punha naquilo para que se sentia enviado. Era um homem de grande fé (*Positio*, XL e segs). Ora, a fé profunda é o segredo mais íntimo da vida profética, i.e., daquela vida que é sinal entre as outras de inesgotáveis possibilidades de sentido da mesma vida. Com efeito, ninguém pode anunciar nada se antes não se tiver deixado embeber intimamente pela presença de Deus. No sentido paulino de que (At 17, 28) “*in ipso enim vivimus et movemur et sumus*” / “*nele vivemos, nos movemos e somos*”, como num *meio*

ambiente, deveremos dizer que a dimensão profética é, no homem e na mulher escolhidos por Deus, da ordem daquela *diafania*: Deus faz brilhar a luz do seu rosto sob o seu escolhido.

Sabe-se que o significado de *Profeta* vem do grego “*prophēmi*” — i.e., *dizer antes, dizer em vez de* — para indicar aquele que, enviado por Deus, fala em Seu nome como Sua Voz, bradando por antecipação quer para anunciar quer para denunciar, qual espada de dois gumes. Diga-se, por isso, que ser boca e voz de Deus, na *diafania* que supõe, implica ser para os seus destinatários um *kairós*, uma ocasião de decisão irrevogável. É assim que a *diafania* profética, qual *parousia* divina, se torna em momento de *krisis*, de opção fundamental e de apuramento das vontades, qual crivo da cira do Senhor que separa o grão da palha. É assim que o Profeta se torna quase sempre um *sinal de contradição*, uma cruz levantada nas encruzilhadas da História. A sua presença é de *per si* um sinal paradoxal que atrai e que repêe. E o Frei Casimiro não escapou a esta regra daqueles que em tudo visam deixar transparecer a presença de Deus.

Desde logo, ainda em casa de seu Pai, frente aos projectos de glória familiar que este acalentara para o seu oitavo filho², o jovem Januário Francisco surgiu entre os seus como um “*sinal de contradição*”. A este propósito, a expressão latina do seu irmão Miguel, presente na *Positio* (p. 25) é bastante forte: «*odio a parentibus habitus ipsisque inservientibus vilior factus [est]*». Chegou mesmo a ser considerado «*ab adolescentia obtusus* (*Positio*, p. XXVI), talvez para que, como o profeta Oseias e o Apóstolo Paulo, os designios de Deus não se confundissem com os seus méritos e nele brilhassem com maior intensidade: “*Infirma mundi eligit Deus...*”³.

Foi, porém, na sua Ordem de eleição, os Marianos da Imaculada Conceição, na Polónia, na Itália e em Portugal, que a sua palavra profética sempre sobressaiu, já desde noviço, em 1724, ao requerer uma Visita canónica para corrigir os costumes relaxados dos professores vindos da chamada “dispersão rostkoviense” (1716-1722). O sentido de fidelidade ao carisma do Fundador, o P.e Estanislau de

² Quer da parte do Pai, João Casimiro Wyszyński, quer da parte da mãe, Edviges Rogala Wyszyński, os pergaminhos de nobreza exigiam dele uma carreira brilhante; cf. *Positio*, p. 24.

³ 1 Cor, 1, 27: “(...) sed quae stulta sunt mundi elegit Deus ut confundat sapientes et infirma mundi elegit Deus ut confundat fortia (...)”.

Jesus Maria Papczyński, apurava nele a oportunidade de denúncia dos vícios contrários à Regra. Por causa destas exigências, do zelo e da seriedade que punha nos trabalhos e nos exercícios, começou a ser detestado ainda durante o noviciado pelos confrades que tinham sido obrigados em reentrar no Convento, no rescaldo da dita dissipação rostkovienne. Confessa ele então que «*in odium Fratrum incidit*» (*Positio*, p. XXVIII), i.e., tornou-se objecto de ódio para alguns irmãos, entre os quais o P.e Joaquim Kozłowski que o trouxera de Roma e ao qual o Frei Casimiro criticava o relaxamento da disciplina religiosa, o desprezo que nutria pelo Fundador e o pouco empenho que nele via pela causa da sua beatificação.

Mas, ao mesmo tempo, temperava o vigor das suas denúncias com caridade e afabilidade. De facto, desde a sua entrada na Ordem que a sua maior preocupação fora renovar a vida religiosa dos Marianos e erradicar os vícios que nela se tinham introduzido: a bebida, os jogos, a caça... Mas fazia-o conjugando sabiamente a autoridade e a afabilidade: «*auctoritatem sapienter cum affabilitate*» (*Positio*, p. XXX), tendo sido ele quem introduziu nos Marianos a prática do diálogo franco e aberto como método de resolução dos problemas da comunidade, o que não pode deixar de ser considerado um gesto profético. E quando era Prepósito-Geral, apresentava-se sempre nas cartas circulares como *irmão na caridade*: “*Frater in caritate*”. A *Positio super virtutibus*, quer pelas acções ali descritas quer pelos testemunho daqueles que mais de perto viveram com ele, é, verdadeiramente, um documento impressionante no que toca à presença, no Servo de Deus, da virtude da caridade e de todas as outras, que nele atingiram grau sumo e heróico: “(...) *pro hac fide mori desidero et proprium sanguinem fundere*.” (*Positio*, p. XL)

Face a tal riqueza, mais do que empreender aqui um estudo exaustivo dos documentos da *Positio* que poderiam revelar a *dimensão profética* do Frei Casimiro — intento descabido neste âmbito —, vamos apenas sublinhar um traço que, em nosso entender, sintetiza bem o alcance profético da sua vida, na linha daquela *diafanía* acima referida. Detemo-nos apenas no ideal de *peregrinatio* que, como traço indelével, parece marcar toda a vida do Frei Casimiro e imprimir-lhe uma fisionomia singularíssima.

Podemos dizer que o ideal de *peregrinatio* despontou cedo no coração do jovem Januário Francisco. De facto, aí por volta de 1714 decidiu partir em romagem para Roma (*Positio*, p. 23). Pensa-se, com

razão, que as causas desta inesperada decisão terão sido os castigos e a severidade extrema com o Pai o tratava em razão das suas dificuldades em aprender as letras — mas como era possível aprender as letras no meio de tanta instabilidade política e social e da devastação da “*pólnocna*”, i.e., a *Guerra setentrional*?

Só a esta luz desta espécie de nó interior face ao Pai se pode compreender a coragem que levou um rapazinho de 14-15 anos a meter-se à estrada como peregrino em direcção a Roma. A mãe, contudo, avisada talvez pelo seu irmão, que era Director do Colégio de Góra, onde Francisco estudava, mandou no seu encaço um outro filho, Miguel, juntamente com criados com a finalidade de o convencer a voltar para casa: alcançaram-no já a 70 kms de Varsóvia, conseguiram dissuadi-lo do intento e trazê-lo para casa. Ainda não era esta a «*grande jornada*», como dirá mais tarde, mas é já o sentido de uma *itinerância espiritual* que nunca mais o abandonará.

Cerca de cinco anos depois, em 1720, destacando-se já na “PALESTRA” de Varsóvia na prática jurídica (*Positio*, pp. 28-29) e tendo, por conseguinte, uma promissora carreira à sua frente, de acordo com a nobre tradição da família, eis que o bordão de peregrino o tenta de novo, desta vez sem apelo. Com efeito, faz nesta altura o *Voto* de peregrinar «*ad Sancti Jacobi Compostellanam Ecclesiam*»: a Santiago de Compostela, no outro lado da Europa, no seu extremo Ocidente — *finis terrae* —, ali, onde a terra acaba e o mar começa.

Parece ter havido duas ordens de razão para este *Voto*: uma, de justificação mais exterior, diria respeito à tomada consciência de que a jurisprudência era perigosa para a sua vida interior e assim, “*sub impulsu devotione*”, decidiu dedicar-se exclusivamente à salvação da sua alma. O P.e Aleixo Fischer (*Positio*, p. 30), porém, confidente íntimo do Frei Casimiro, dá-nos outra razão que, aliás, se pode conjugar perfeitamente com a primeira: diz-nos ele que o motivo próximo do *Voto* foi o suicídio de um criado da sua casa.

Não sabemos outros pormenores, mas esta morte de um serviçal íntimo e amigo deve ter funcionado nele como um alerta para o essencial na vida. A história das religiões e a psicologia da religião dão-nos muitos exemplos similares. Confessava neste sentido Santo Agostinho, nas suas *Confissões* (IV, IV, 9), a seguir à morte dolorosa de um amigo muito querido: «*tornei-me para mim próprio uma grande questão e perguntava à minha alma porque estava triste e porque se perturbava tanto dentro de mim, e ela nada sabia*

*responder-mex*⁴. Assim também o jovem Francisco, depois dessa morte, podemos supor, se tornou para si uma *grande questão*: «*Factus eram ipse mihi magna quaestio...*». A inutilidade daquilo que fazia no meio de processos e de papelada deve ter-se-lhe tornado nesse momento demasiado cruciante, como se fora um terramoto na consciência. Só à luz de tal abalo existencial se compreende a firme determinação que não cede perante ninguém, nem o pai, nem os eclesiásticos amigos, os quais, por fim cedem perante uma vontade férrea e inabalável.

Sabe-se que em 1721 já está à estrada, com o bordão na mão e as vieiras de peregrino no alforge, juntando-se a um grupo de romeiros que seguia para a Cidade Eterna. Em Outubro do mesmo ano, encontra-se já em Roma. Confessa-se na Basilica de S. Pedro, no dia 1 de Novembro, na Solenidade de Todos os Santos, e prepara-se, na Igreja de S. Estanislau Kostka, para a segunda etapa da longa jornada, que o há-de levar aos confins de Espanha.

Neste percurso, porém, já em terras ibéricas, adoece gravemente e, aconselhado pelos médicos, tem de voltar para trás. Regressa a Roma para pedir junto do Papa a dispensa do seu Voto, permanecendo nesta cidade durante meio ano, visitando igrejas e fazendo trabalhos humildes para ganhar o sustento diário. É aqui que, um dia, através do P.e Joaquim de S. Ana Kozłowski, procurador dos Marianos em Roma, começará uma outra e a mais decisiva *peregrinatio* da sua vida, a qual — mas o jovem Francisco não pode saber ainda —, 30 anos mais tarde, o há-de trazer de novo a Roma e também o há-de levar, finalmente, para o almejado *finis terrae* [N.B. — A expressão *de finibus Terrae* é do Frei Casimiro, quando, no dia 3 de Agosto de 1751, de Lisboa, escreve uma carta ao Superior-geral na Polónia (*Positio*, p. 262) referindo-se a Portugal. Mas a expressão pode aplicar-se às mil maravilhas a Balsamão, aqui a dois passos da sua almejada Compostela e do célebre cabo *finis terrae*].

De facto, à luz do itinerário espiritual que o próprio Frei Casimiro nos propõe em diferentes momentos, podemos defender que a tentativa gorada dos 14 anos e o Voto dos 20 anos foram como que ensaios, exercícios físicos e espirituais para outra *peregrinatio* mais essencial que estava para vir. Não sem um profundo sentido profético,

⁴ *Confissões* IV, IV, 9: «*Factus eram ipse mihi magna quaestio et interrogabam animam meam, quare tristis esset et quare conturbaret me ualde, et nihil nouerat respondere mihi.*»

depois de, em 1723, em Roma, pedir para ingressar na ordem dos Marianos — *a fim de reparar com a sua vida aquilo que o seu irmão destruíra*⁵ —, e de receber o hábito branco das mãos do P.e Joaquim Kozłowski, escreve então numa carta que agora tem de iniciar “*uma longa jornada*”. Para quem acabara de regressar de Espanha sem ter conseguido alcançar Santiago de Compostela, esta expressão não poderia ser casual. Nela joga-se o sentido profético de toda a sua vida. O ideal de peregrinação é a chave hermenéutica da itinerância espiritual do Servo de Deus.

Eis pois que a sua entrada *em religião* se volve *peregrinatio*. O Frei Casimiro, como todos os Profetas que sabem ler e acolher os sinais que Deus semeia nas suas vidas, tornou-se em Roma um *peregrino do Absoluto* — expressão que muitas vezes ouvi ao P.e José Morais. A radicalidade com que, ainda noviço, vive a pobreza, a castidade e a obediência, assim como, em grau heróico, todas as outras virtudes cristãs, é fiel um sinal escatológico; é no tempo as primícias de algo que há-de vir com a plenitude dos conselhos evangélicos.

E eis que na tarde da sua vida, depois de uma já longa jornada, 30 anos mais tarde, em 1753, vamos encontrar de novo o Servo de Deus em Roma, como Preósito Geral da sua Ordem. Esta cidade foi, de facto, para ele um *carrefour* de caminhos: cruz e encruzilhada.

Sabemos que durante esta estadia em Roma, o Frei Casimiro recebeu, através do Ministro Geral dos Frades Menores, o P.e Pedro de Molina, uma carta de António de Sousa Salazar Teixeira, um padre português de Lisboa, na qual pedia a vinda de dois religiosos Marianos para Portugal, a fim de aí fundar uma Ordem dedicada ao culto da Imaculada Conceição. O projecto do P.e Salazar, com a cumplicidade da Marquesa de Cascais e do Embaixador de Espanha em Portugal, era falsamente apresentado como se fosse autorizado e correspondesse a um desejo expresso do próprio Rei D. José I.

Frei Casimiro que, desde o seu Voto de peregrino de Compostela, sempre se sentira atraído pela estrada de Santiago e pela luz ocidental do sol poente, ficou transfigurado: até a sua débil saúde

⁵ *Positio*, p. XLIII: «*Eis-me aqui! Quero reparar como auxílio divino aquilo que o meu irmão destruiu.*» (“*quod frater meus destruxit, ego divinis auxiliis reparare volo*»).

melhorou extraordinariamente. De facto, quem um dia se mete à estrada como peregrino, nunca mais é o mesmo.

Escreve imediatamente (no dia 11 de Março de 1752) ao Superior Geral, na Polónia, exprimindo-lhe que esta era uma oportunidade a não perder. Como da Polónia hesitassem e demorassem a dar uma resposta, o Frei Casimiro oferece-se ele mesmo para ir fundar os Marianos em Portugal. E quando o P.e Molina, Geral dos Franciscanos, no dia 26 de Fevereiro de 1753, pretendeu dissuadi-lo do seu intento, levantando prudentemente algumas reservas sobre a verdade dos factos e a origem do convite, e lhe diz pessoalmente, em Roma, depois de já o ter feito por intermédio de outrem, que era melhor esperar, pois tinha suspeitas de que o pedido não provinha de fonte segura, o Frei Casimiro respondeu, sem hesitar: «*Nulo modo haec fieri potest, nam ubique jam divulgatum est, quod ad hunc finem de Polónia missi sunt.*» / «*De modo nenhum se pode fazer isso, visto que já se divulgou por toda a parte, e para este fim foram enviados Marianos da Polónia.*» (Positio, p. 238) — resposta que traduz bem como o Frei Casimiro ardia interiormente no desejo de trazer os Marianos para terras de Santa Maria. Acrescentou, ademais, que a renúncia ao projecto redundaria em grave dano para a credibilidade da Ordem.

Esta posição do Frei Casimiro é muito significativa. Para alguém tão experimentado como ele, por 30 anos de sofrida vida religiosa, é como se fizesse de conta que não via, ou não queria ver, as dificuldades do projecto. De facto, perante o que o P.e Molina lhe diz, a sua experiência só podia dizer-lhe que será mais prudente aguardar. O Frei Casimiro desvaloriza claramente as zonas escuras que envolvem o convite e nem quer dar ouvidos a qualquer óbice em contrário. Humanamente, dir-se-ia teimosia; noutra ordem de razões, por um daqueles abismos que acontecem entre uma alma e Deus, e a que mais ninguém tem acesso, o Servo de Deus sentia-se impelido e atraído para o Ocidente. E eis que em 1753, o Frei Casimiro de São José Wyszyński, um *homem que vem de Leste, de um país longínquo, peregrino do Absoluto*, rumo finalmente para Portugal.

As etapas da viagem e a amarga desilusão, em Lisboa, já todos as conhecem. Conforme o nosso objectivo, sublinhemos ao contrário a fé firme na providência e a certeza de que Deus, se o deixara chegar a este país, algum bem daí haveria de resultar. Ao enviado de Deus, nunca acontece nada de mal. Aos olhos da fé,

mesmo o mal redundava em bem. É este o segredo de uma vida profética, i.e., de uma vida que é sinal: transfigurar tudo.

No seu *Diário*, em Agosto de 1755, anota: «*Pela graça de Deus, não me falta nada, mas, ao contrário, acima de mim mesmo, a maravilhosa Providência Divina, neste longínquo e desconhecido país, encontro maior desejo de servir a Congregação da Imaculada Conceição da Bem-Aventurada Virgem Maria. [...] O grande desejo de trabalhar tenho-o porque há esperanças para o desenvolvimento da Congregação. [...] Temos a esperança que esta Ordem, para honra da Mãe de Deus, se difundirá em todo o Portugal e Espanha. O Bispo de Miranda, que se tornou um poderoso benfeitor, tem um irmão no Brasil. Se em caso tivéssemos de ir para lá, a nossa Ordem poderia ter um grande desenvolvimento.*»⁶ Eis as cogitações de um homem que, vindo de tão longe⁷ e debruçado sobre o Mar Atlântico, queria fazer-se ainda mais ao largo, sonhando com o longínquo Brasil.

O Servo de Deus, de facto, foi alguém que, recebendo do Fundador dos Marianos o testemunho carismático da Ordem, quis transmiti-lo e expandi-lo *urbi et orbi*. De facto, quando em 1737 os Marianos nem chegavam a 40, todos polacos, o Frei Casimiro iniciara o que hoje chamaríamos processo de internacionalização ou de «globalização» da Ordem, levando para fora das fronteiras da Polónia, para a Boémia. 15 anos depois, a vinda para Portugal exprime a mesma lógica: *fazer-se ao largo*. O Frei Casimiro era um homem que, como o Profeta Elias, via ao longe; compreendia que lançava sementes para o futuro, muito para além de si próprio. Esta é a *diafania* de todo o Profeta: porque vê mais longe, porque vê o mundo e as pessoas pelos olhos de Deus, dizer antes, em nome do mesmo Deus, as possibilidades de um futuro em aberto.

⁶ Cf. Positio, p. 248. Cf. José Manuel MORAIS, MIC, “As Ordens religiosas da Imaculada Conceição, em Portugal, nos Sécs. XVII e XVIII”, in *De Culto Mariano Saeculis XVII-XVIII. Actas do Congresso Mariológico-Mariano Internacional*, MALTA, 1983, VOL. VII, PONTIFÍCIA ACADEMIA MARIANA INTERNATIONALIS, ROMA, 1988, p. 162.

⁷ O Bispo de Miranda, João da Cruz, numa carta que dirige ao Servo de Deus em 2 de Janeiro de 1755 sublinha bem essa lonjura peregrinante: “(...) já que *Deos o trouxe de tão longe (...)*” (Positio, p. 269).

Em 1755, porém, era tempo de começar a passar o testemunho. Quase premonitório do seu fim, no Verão, dirige-se ao Superior Geral nestes termos: «*Dado que estou avançado em idade, e não sabendo nem o dia nem a hora, gostaria que algum, de entre os jovens, viesse da Polónia até junto de mim (...) a fim de se poder conservar, deste modo, a união da nossa Congregação.*» (Positio, p. 314)

Como sabemos hoje, o Frei Casimiro sofria de malária. No dia 19 de Setembro de 1755, a febre manifestou-se de modo fulminante. A sua saúde agravava-se de dia para dia, deixando-o esquelético em pouco tempo. Mas mostrava em tudo uma imensa paciência, tendo continuamente nos lábios a jaculatória «*Bendito seja o Nome do Senhor!*». Dois dias antes de morrer pediu para que lhe fosse lido o capítulo de *A Imitação de Cristo* intitulado *De contemptu mundi* (Positio, p. 315). Nas últimas horas de vida, deu a bênção aos irmãos noviços reunidos à sua volta, exortou-os à perseverança e, vendo tristes e aflitos, aponta-lhes o sentido escatológico da vida, o sentido do Céu: «*Não choreis — a Santíssima Virgem é a vossa fundadora, e eu, quando deixar este corpo e a minha alma for levada para Deus, como, por misericórdia de Deus e pelos méritos do meu Salvador, espero, então ser-vos-eis mais útil*». E repetindo «*Bendito seja Deus!*», morre serenamente às 3 horas da manhã do dia 21 de Outubro de 1755, hora a que costumava levantar-se para o Ofício. A peregrinação terrena tinha acabado. O Servo de Deus empreendia a sua última jornada.

III — “*Oportet transire*” (Nota conclusiva)

“*Oportet transire*” / “*É preciso passar*”. Sabemos que esta foi uma divisa partilhada por vários místicos e mestres espirituais. A terminar, queremos aplicá-la à própria vida do Frei Casimiro, fervoroso devoto da Imaculada Conceição.

Efectivamente, se a *peregrinatio*, a *diafania* e a *profecia*, que pautaram a sua vida, podem resumir-se no “*oportet transire*”, ninguém melhor que a Maria Imaculada pôs em prática esta máxima relacional. “*Ave gratia plena Dominus tecum (...); “Ecce ancilla Domini fiat mihi secundum verbum tuum”* (Lc 1, 27.38). Todos os profetas almejavam esta *diafania* do Anjo e de Maria: transparecer Deus simplesmente; ser Sua *parousia*.

“*Oportet transire*” / “*É preciso passar*”. A essência do profetismo encontra-se toda na categoria da relação. “*Vir de*” e “*ser para*”: “*vir de*” de Alguém que procede de mais longe e que envia; e “*ser para*” como uma flecha que visa o alvo. “*A Bíblia muitas vezes representa o profeta como a uma flecha nas mãos ou na aljava de Yhavé. As ideias de missão, de envio ou de destinação são associadas, deste modo, como harmónicas, à nudez da relação (...).*” Mas “*(...) sobre todo o ser, qualquer quer ele seja, no seu próprio coração, paira, se assim pode dizer, a flecha de um perpétuo voo. O ‘ser para’ é pois um destino do ser, a marca ontológica de um trânsito que é, ao mesmo tempo, a [sua] ‘essência’ (...).*”⁸

A dimensão mais profunda do profetismo é, pois, a de alguém que «*vem de*», que está «*junto de*» (como Verbo que *estava junto de Deus*, — *prós tón theón*, que também pode significar «*estar-em*», «*estar dentro*» (*esse in*) no sentido de ter sido assumido pelo desígnio de Deus.

O Profeta é o ser de relação por excelência; alguém que se esgota na e pela relação, transfigurando-se no processo do *esse ad / ser para*. O Profeta está sempre em trânsito, *in fieri*; a vida do Frei Casimiro foi uma vida em peregrinação, em passagem. Maria jamais foi para si, *foi sempre para*: “*Ecce ancilla Domini...*”.

Assim este “*ser para*” / “*esse ad*” não diz substância alguma; diz apenas a relação, algo tão ténue, tão diáfano, tão pouco que é um convite ao desapego e à desapossessão absoluta. “*Ecce ancilla Domini... Magnificat anima mea Dominum*”. A Relação invoca e louva o Absoluto.

Também as últimas palavras do Frei Casimiro foram de louvor: “*Benedictus sit Deus!*” (Positio, p. 315) Concluo pois como penso que o Frei Casimiro gostaria que terminássemos: «*Immaculata Virginis Mariae Conceptio sit nobis salus et protectio*».

⁸ Stanislas Breton, *Philosophie et Mystique*, p. 93.94